

Atuação Clínica da Musicoterapia no Paraná - Ressonância na História

Escola de Educação Especial Ecumênica.

Mt. Eulide Jazar Weibel

Graduada Musicoterapeuta pela Faculdade de Artes do Paraná, Especialista em Arte e Educação- Formação em Psicodrama Pedagógico- Professora de Música- FAP- Professora de 1ª a 4ª série(normalista) Especialização em Deficiência Mental, atuando na Escola de Educação Especial Ecumênica desde 1980.

Mt Simone Duarte

Graduada em Musicoterapia pela Faculdade de Artes do Paraná- 1999, atuando na Escola de Ensino Especial Ecumênica, desde 2000 no Programa de Múltipla Deficiência.

Psc. Ione Beatriz C. Cavalcante

Psicóloga Clínica, Psicodramatista; Especialista em Arte e Educação (A Arte como princípio educativo na educação inclusiva), Coordenadora do Programa de Avaliação Diagnóstica e Múltiplo Atendimento de 1996 a 1999. Atuando na Escola de Educação Especial Ecumênica, desde 1994.

A Escola de Educação Especial Ecumênica fundada em 1973, é um programa mantido pela Fundação Ecumênica de Proteção ao Excepcional (FEPE) que "é uma entidade de natureza jurídica de direito privado e assistencial, cultural e filantrópica, sem fins lucrativos", tendo por finalidade a pesquisa, prevenção e diagnóstico, bem como a educação, a habilitação e integração das pessoas portadoras de necessidades especiais". Continua até os dias de hoje prestando serviços a uma comunidade de pessoas portadoras de necessidades especiais, com uma clientela em maior número de deficientes mentais, com diferentes graus de classificação. Seu trabalho sempre foi realizado por uma equipe multiprofissional com objetivo de proporcionar à clientela atendida condições necessárias ao desenvolvimento de suas potencialidade nos aspectos intelectuais, ético, cívico e social como elemento de auto - realização para o trabalho e o preparo para o exercício consciente da cidadania.

A necessidade dos atendimentos clínicos da Musicoterapia se deu pelo conhecimento dos efeitos benéficos desta, quando dirigentes da Escola estiveram em um Congresso onde foi apresentado um caso de uma criança autista que estava sendo atendida em Musicoterapia. Deslumbrados com o resultado da terapia, a Mt. Eulide Jazar Weibel que na época atuava como Professora de Música na escola, já graduada em Musicoterapia FAP- 1986- destinou horas do seu trabalho para também atuar como Musicoterapeuta, prestando atendimento aos alunos que apresentavam alguma forma de resposta, de interesse em música ou esta era a única forma de comunicação que se obtinha, com eles.

Da Clientela a nós encaminhada relataremos o caso de tres alunos, que nos deram respostas significativas diante do trabalho musicoterápico, evidenciando assim a importância deste e comprovando seus resultados clínicos, pois foram visíveis o resultado que obtivemos, constatados pelos demais profissionais da escola.

1-L. **uma menina de 5 anos**, antes dos atendimentos de Musicoterapia recusava-se a andar sem ajuda. Após o início dos atendimentos, ao ouvir o som do piano, levantava por sua própria iniciativa e vinha até o local onde realizávamos as sessões, por vezes fora do seu horário, pois sua professora na pesquisa de suas atitudes a deixava sair da sala de aula e constatava que ela dirigia-se ao local da musicoterapia. Neste trabalho foram utilizadas as técnicas da: - Composição Musical onde musicávamos suas ações como por ex:- L. está com a mão na cabeça, agora pega o pé; da Recriação Musical, principalmente com canções de ninar, folclóricas e infantis, todas do repertório musical trabalhado pela professora. L. interessava-se pelo piano, ficando de pé tocando, produzindo sons agudos no seu próprio ritmo sem manter o metro. Suas aquisições para a aprendizagem estavam bastante prejudicadas, necessitava de reforços para conceitos básicos necessários para o seu desenvolvimento. Sua professora, lançava mão das canções recriadas ou compostas para ela, obtendo por vezes, respostas completas. As aquisições que L. adquiriu durante e após o processo musicoterápico ficaram registrados tanto para ela como para a professora e para sua família. Cabe salientar que toda produção musical realizada no setting era gravada e utilizada pela professora de sala, pois trabalhávamos em equipe multiprofissional.

2- **A- contando com 8 anos**, necessitava de constante vigia. Era um menino que perambulava pela escola, andando de um lado para outro. Veio para os atendimentos de Musicoterapia para que o seu caso fosse pesquisado e por ter demonstrado uma manifestação sonora significativa. Este fato se deu, quando A. estava pendurado na grade de proteção de um dos janelões do salão de festas da escola, onde no palco deste eram realizados as aulas de música e também os atendimentos clínicos de Musicoterapia. O espaço (palco) era protegido por cerca de proteção e fechado por pesadas cortinas que isolavam os espaços. Sua professora tentava tira-lo dali. A. ficava pendurado com seus balanceios e ninguém conseguia desce-lo. Percebemos que ele entoava um som, no piano o identifiquei, era fá# central. Tocávamos a nota, repetindo o som acompanhando seus balanceios. A. começou a descer das grades e veio até o piano. Após este fato iniciamos seus atendimentos. Partindo daquela manifestação sonora que o trouxe até o piano. Fomos ampliando para outros sons que ele produzia como por exemplo: o ruído de cadeiras que ele arrastava pelo chão da sala. A. explorava os instrumentos musicais de forma bastante rudimentar, mas só produzia sons com objetos: cadeiras, bancos, pedaços grandes de madeira, etc. Durante o período de levantamento diagnóstico, A. nos apresentou pouca mas significativa melhora nas suas respostas, diante de todos os atendimentos clínicos que ele recebia. Trabalhávamos em conjunto com a fonoaudiologia pesquisando seu potencial auxiliadas pelo estímulo musical. Foram realizados poucos atendimentos e ele foi encaminhado para outra

programação, pois seu quadro de comprometimento não correspondia a clientela atendida pela escola.

3- **E. Apresentava lábio leporino e também dificuldades de aprendizagem**, bem significativas, sendo portanto inserido no contexto da educação especial. **Seu comprometimento** não era aceito por sua família. Socialmente, segundo os pais era um jovem bem adaptado, aceito pelos moradores do seu bairro. Recebia atendimento fora da escola de: psicologia e fonoaudiologia. Iniciamos os atendimentos clínicos de musicoterapia a pedido do setor de psicologia da escola, onde foi solicitado que trabalhassemos de forma que lhe fosse permitido expressar-se. Na primeira sessão ele trouxe algumas revistas para a sala de musicoterapia. Após as informações que se faziam necessárias para o trabalho de musicoterapia, ele continuando a segurar as revistas, apontava para estas e resmungava algo que não conseguíamos entender. Ainda sem saber o caminho que deveríamos seguir, "lhe foi dito: —"deixe estas revistas que depois você as levará para a sala de aula". O armário de instrumentos musicais foi aberto, e ele retirou o que queria. Começamos improvisando melodias, com versos que representassem suas ações, como por exemplo: —"E. está com o triângulo o que ele vai fazer, etc". E. fez uso de todos os instrumentos disponíveis e os arrumou, em pilhando-os em um dos cantos da sala. Perguntávamos, ainda cantando: —"o que você quer fazer agora?" Ele voltou-se para as revistas, rasgou algumas folhas sem selecioná-las e as jogou por sobre aquele amontoado de instrumentos, arrumados em um dos cantos da sala, e nos dissia: —"ai." Nada sabíamos do que estava acontecendo. Depois daquele dia começou a me procurar. Por vezes, eu o via expiando a sala, e sempre que nos encontrávamos pelos corredores da escola, ele confirmávamos o dia do seu atendimento. Antes de desmanchar sua produção anotei cuidadosamente a disposição de tudo o que ele havia utilizado, fiz gráficos para não perder nenhum detalhe. As folhas revistas continham gravuras de garrafas de bebidas em tons escuros, parecendo noite e numa delas, a figura de uma mulher sentada a mesa, que estava posta para uma ceia. Para a segunda sessão, foi arrumado cuidadosamente o setting e quando ele se separou com sua produção, demosntrou-se surpreso, olhando rapidamente de um lado para o outro. Iniciamos utilizando a improvisação musical e com melodias muito simples 3ª maiores e 5ª justas tocadas ao piano, ele verbalizava muito pouco, respondendo: —"é..." "não"... até que acompanhando a melodia numa fala ritmada, utilizando só uma nota, nos disse: "minha mãe esta ali". Seguimos com a improvisação onde esta possibilitou que nos mostra-se a sua composição, "sua imagem". Desta forma ele foi colocando sua situação familiar, fato este que o bloqueava. O trabalho não pode ser medido em termos de benefício para E., porém para as profissionais que atuavam com ele e tinham a hipótese de que sua deficiência foi agravada pela não aceitação familiar em relação a sua anomalia física, este fato ficou evidente. Sua história familiar era bastante complexa, sua mãe era bastante agredida pelo seu pai que a prendia no quarto após estar alcoolizado. Sua história foi interrompida, e o aluno foi retirado da escola por sua família.

O Trabalho de Musicoterapia na Instituição no programa da escola, passou por um processo de avaliação quanto a sua efetividade, foram levantados os dados do processo musicoterápico de cada aluno atendido e vimos que por vezes o trabalho não fluiu por diferentes motivos, como por exemplo: faltas aos atendimentos; saídas da escola para um trabalho pedagógico previsto no currículo escolar, interrompendo-se o atendimento e prejudicando o resultado do trabalho. Neste período havia também a necessidade de inovar de criar algo que pudesse ser um instrumento de avaliação, pesquisa e de diagnóstico, que iria beneficiar toda uma comunidade e também arrecadar verbas para a Instituição.

Assim em 1988, iniciou-se o processo de criação do novo programa que foi fundado em 27.02.1989 com o nome de CENTRO DE PESQUISA, DIAGNÓSTICO, AVALIAÇÃO E PREVENÇÃO DA EXCEPCIONALIDADE (CEPEDAPE). Considerando-se na época que a avaliação diagnóstica prescrita era primordial, para o início de qualquer atendimento à pessoa portadora de necessidades especiais, o processo diagnóstico realizado pelo CEPEDAPE "visava fornecer dados do avaliando ao professor, que permitissem a este planejar, desenvolver e acompanhar um programa de ensino e apredisagem para um determinado educando". Era encaminhado assim o diagnóstico após o levantamento dos dados, apontando ali a forma mais próxima das possibilidades e dificuldades dos mesmos em relação a aprendizagem e aos pontos necessários para o direcionamento da proposta pedagógica na qual o aluno, seria inserido. Nesse processo eram aplicados testes padronizados, observações informais, levantamento específico das dificuldades de aprendizagem e das habilidades básicas que estivessem impedindo o desenvolvimento do avaliando.

Desta forma a Musicoterapia foi oficialmente inserida. O CENTRO DE PESQUISA, DIAGNÓSTICO, AVALIAÇÃO E PREVENÇÃO DA EXCEPCIONALIDADE contratou o serviço de musicoterapia registrando em carteira profissional o Musicoterapeuta. De 1988 a maio de 1990 a profissional musicoterapeuta foi a Mt. Eulide Jazar Weibel. No ano de 1990 o CEPEDAPE contou com a participação da Mt. Letícia N. Salum e com a contratação da Mt. Helen G. Greur. No período de fevereiro de 1991 a setembro de 2000 com a Mt. Jacqueline Brito de Oliveira.

O serviço de avaliação CEPEDAPE realizava suas avaliações tendo como objetivo geral na área da musicoterapia "... avaliar parcialmente a dinâmica do paciente com a finalidade de investigar o nível do potencial, afetivo - sonoro rítmico corporal, bem como de posse do diagnóstico médico, de exames complementares e pelos dados coletados pelos diferentes setores,... realizar a sugestão de encaminhamento" apresentando como resultado ano, 107 avaliações e 105 atendimentos. Relatório Institucional- 1990.

Em 1991 a mesma equipe de profissionais passa também a prestar atendimento clínico para bebês de alto risco e/ou com deficiências já instaladas. Criase o **Projeto Estimular** onde os atendimentos de musicoterapia eram realizados com objetivo de desenvolver as percepções visuais, táteis, auditivas e cinestésicas; estimular a memória auditiva, a atenção e a criatividade; abrir canais de comunicação, estimular a socialização; anular ou diminuir movimentos estereotipados; despertar os impulsos rítmicos; dar consciência de movi-

mento, estimular a expressão verbal, induzir ao relaxamento; desenvolver o esquema corporal; induzir à descoberta e reconhecimento (diferenciação) do "eu" e do "outro". Nesta equipe a profissional de musicoterapia Mt. Jacqueline Oliveira relatou que realizou 70 avaliações, onde 15 delas foram diagnosticadas como pessoa portadora de distúrbios de comportamento que necessitavam do atendimento musicoterápico, para abrir canais de comunicação e auxiliar num trabalho de psicoterapia" (relatório anual das atividades desenvolvidas nos diferentes programas e setores da escola) - 1991.

Em 1996, o programa CEPEDAPE foi extinto. A Instituição FEPE passa por reformulações onde se estabelece a reestruturação dos programas educacionais, sabendo-se então da diferenciação entre o modelo médico de educação e o modelo clínico de atendimento. Neste ano o grupo de musicoterapeutas da Instituição Mt. Jacqueline Brito de Oliveira, Mt. Eulide Jazar Weibel e Mt. Ana Paula Cruz Ramos participam do curso "Avaliação Diagnóstica Psicoeducacional" ministrado pela equipe de profissionais avaliadores do Departamento de Educação Especial. As avaliações do setor de musicoterapia basearam-se na aquisição musical de um indivíduo com seu processo de desenvolvimento normal. A partir deste curso foi instituído o novo programa de avaliação e atendimento que recebeu a denominação de SERVIÇO DE AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA E MÚLTIPLO ATENDIMENTO (S.A.M.A.)" coordenado pela psicóloga Ione Beatriz C. Cavalcante, atuando com uma equipe multidisciplinar composta de: psicólogo, psiquiatra, neurologista, fisioterapeuta, fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional, pedagogo, musicoterapeuta, assistente social e avaliador das funções visuais.

Nesta proposta o objetivo era: "pesquisar o avaliado como um todo, visando o levantamento de dados, olhando o indivíduo como um ser afetivo, social e cognitivo, para a efetivação de um diagnóstico de forma interdisciplinar". O enfoque metodológico no modelo psico-educacional, caracterizando-se por prestar atendimento multidisciplinar à bebês, crianças, adolescentes e adultos. Nossa clientela abrangia a idade de zero a dezesseis anos, vinda da comunidade como um todo e até de outros Estados, que diante do encaminhamento ou por indicação, buscavam nosso serviço. Eram identificados como pessoas portadoras das mais diversas necessidades, desde um pequeno distúrbio até o mais complexo comprometimento.

O S.A.M.A atuou com duas propostas distintas: uma de avaliar e encaminhar para os programas de atendimento disponíveis em nossa comunidade; e outra de atendimento clínico prestado aos alunos da escola. Na proposta do serviço de avaliação a Mt. Jacqueline Brito de Oliveira, realizava as avaliações, quando haviam necessidades de complementação de diagnóstico, onde eram considerados um dado há mais para a conclusão do relatório do avaliando. No serviço de **Múltiplo Atendimento**, a Mt. Jacqueline Brito de Oliveira, realizou 97 atendimentos individuais e 01 sessão em grupo. Esta forma de atuação permaneceu no anos de 1997 e início de 1998.

Em 1999 o SAMA desenvolveu uma nova proposta de avaliação diagnóstica com a participação das famílias dos avaliados. Realizando-as através de encontros de forma grupal e individual, objetivando identificar as necessidades e potencialidades educacionais da clientela, pesquisando através da leitura das

áreas: sócio-emocional, cognitiva, linguagem e motora. Neste ano a musicoterapia atuou na equipe interdisciplinar com atendimentos a todos os grupos avaliados totalizando ano 324 avaliações, sendo o trabalho realizado pela Mt. Eulide Jazar Weibel, no período de 1998 até o fechamento do programa em 1998, por dificuldades financeiras da Instituição mantenedora, FEPEP.

Em 1998 a mesma entidade mantenedora Fundação Ecumênica de Proteção ao Excepcional FEPE por entender a necessidade de prestar serviços a uma comunidade de crianças que estavam sem escola, ampliou seus programas criando um novo centro de atendimento. O programa que inicialmente entendia-se ser uma outra escola, foi denominado Complexo Educacional Juril Carnasciali (CEJUC) com funcionamento em outra sede. Desde o projeto inicial o Programa de Múltiplas Deficiências contou com o Serviço de Musicoterapia tendo como profissional a Mt. Jacqueline Brito de Oliveira que deixou o Serviço de Avaliação no SAMA, passando a atender a clientela do novo Centro de Atendimento, alunos de 03 anos a 26 anos, que apresentam múltiplas deficiências com comprometimento mental e motor nos níveis grave e profundo, pelo período de março de 1998 a setembro de 2000. O referido programa não foi instituído como uma nova escola e atualmente o programa passou a pertencer a Escola de Educação Especial Ecumênica com seu funcionamento continuando nas mesmas instalações, isto é na sede do Bacacheri.

O programa de Múltipla Deficiência atualmente, atende 73 alunos crianças e jovens, e a profissional responsável pelo setor de musicoterapia desde outubro de 2000 é a Mt. Simone Duarte, que foi aluna estagiária anteriormente supervisionada pela Mt. Jacqueline Brito de Oliveira. Atualmente o trabalho da Mt. Simone faz parte de um todo desenvolvido por uma equipe multidisciplinar que conta também com profissionais das áreas de: psicologia, fisioterapia, fonoaudiologia, terapia ocupacional, serviço social e pedagogia. Todos os alunos são atendidos de forma grupal pela musicoterapeuta, ou individualmente (quando necessário um trabalho mais intenso, porém com o objetivo de tornar o aluno apto a participar das sessões em grupo). Os alunos têm assistência pedagógica na sala de aula, onde cada professora conta com uma atendente de sala. É durante o período de aula que os atendimentos clínicos são agendados. Nas sessões são trabalhados vários objetivos que, secundariamente, vão ajudar o trabalho da professora em aula, por exemplo a auto estima, o reforço de identidade, a socialização, o esquema corporal, a coordenação motora, o relacionamento com os colegas de sala de aula, a concentração, a criatividade, o auto conhecimento e o relaxamento.

Para isso a Musicoterapeuta cria atividades baseada principalmente na técnica da recreação musical e da improvisação musical. A Escola oferece um ótimo espaço físico, o trabalho de Musicoterapia é realizado em sala destinada especificamente ao atendimento, equipada por piano, instrumentos de percussão, violão, aparelho de som, fantoches, fitas k7, cds, etc. Durante o ano são realizadas algumas reuniões com pais para que possa ser dado um retorno a respeito do trabalho desenvolvido com os alunos. A equipe multidisciplinar também está, sempre que necessário, se reunindo para discutir os casos e trocar experiências. O que se pode concluir é que a Musicoterapia é muito valorizada

por toda equipe do programa de múltipla deficiência. A direção e a coordenação do programa apoiam, os professores comentam as reações dos alunos depois das sessões, e os pais se interessam que seus filhos sejam atendidos uma vez que conhecem o quanto cada criança ou jovem gosta de música e como reagem quando são estimulados através de sons e músicas.

CENTRO DE AVALIAÇÃO PREVENÇÃO E DIAGNÓSTICO DA EXCEPCIONALIDADE- CEPEDAPE. 1988 a 1995.			SERVIÇO DE AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA E MÚLTIPLO ATENDIMENTO - S.A.M.A - 1996 a 1999.		
Ano	Avaliações Diagnósticas Cepedape	Projeto Estimular Cepedape	Avaliações Diagnósticas Sama	Múltiplo Atendimento SAMA	Programa de Múltipla deficiência sede Bacacheri
	CEPEDAPE	CEPEDAPE	SAMA	SAMA	SAMA.
1988	Experiência				
1989	sem registro				
1990	107 - 110				
1991	70 - 71	09 alunos			
1992	96 - 96	05 alunos			
1993	97 - 128	16 alunos			
1994	49 - 102	26 alunos			
1995	73 - 119	20 alunos fechou o programa.			
1996			16 - 118	08 alunos	
1997			28- 183	15 alunos	
1998			22- 215		72 alunos
1999			324- 324		83 alunos
2000			Fechou o programa		80 alunos
2001					73 alunos

2001 - Oficializa-se um convênio de Estágio Supervisionado de Musicoterapia com a Faculdade de Artes do Paraná

Neste ano, 2001 a Escola de Educação Especial Ecumênica, formaliza um convênio com a Faculdade de Artes do Paraná, tornando-se também uma Instituição Concedente de Estágio Supervisionado de Musicoterapia contando com 06 alunos do terceiro ano e 02 alunos do quarto ano do curso de Musicoterapia da FAP, estagiando de forma curricular nos programas de Estimulação Precoce, Pré-escolar e escolar. Os alunos são supervisionados pela Mt. Professora Supervisora da FAP, Eulide Jazar Weibel, realizam seus atendimentos de forma grupal e individual, realizados pelos alunos estagiários.

Concluímos que a Musicoterapia teve uma trajetória Institucional sendo inserida em programas que foram cancelados, outros criados devido a reformulações e outros fechados por problemas financeiros. Nos colocamos ao dispor FEPE (0 XX 41- 362 -18 90).